

## “TRABALHADORES DO MUNDO, UNI-VOS!”

### **META**

Apresentar a ideologia que indicou a necessidade de organização e unificação da classe trabalhadora, e a história das formas de sua organização.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

conhecer as origens do movimento social de trabalhadores que tinha como

objetivo resistir às formas de exploração capitalista;

compreender que a resistência da classe trabalhadora teve como base as idéias socialistas e anarquistas;

identificar o conteúdo dos principais pensamentos que influenciaram as

organizações dos trabalhadores no período de consolidação do capitalismo.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Rever as aulas sobre: Ideologia Liberal, Revolução Industrial e O Capitalismo e seu funcionamento.



Figura 1 - Trabalhadores - Di Cavalcanti – 1933  
(Fonte: <http://lumoura.com.br>).

## INTRODUÇÃO

No início de nosso curso observamos que o econômico não acontece isoladamente, mas sim articulado com as outras dimensões das atividades humanas. Hoje, iniciamos o estudo da ideologia que colocava às claras a natureza do mundo capitalista ao mesmo tempo em que convocava a unidade dos operários para lutar contra as relações de exploração capitalista.

Para iniciar a nossa aula, vamos ler a poesia do operário que participou da Comuna de Paris (1871), Eugène Pottier, A Internacional, que se tornou o hino do movimento operário internacional a partir dos anos 90 do século XIX.

### A INTERNACIONAL

1. De pé oh vítima da fome  
De pé famélicos da terra.  
Da idéia a chama já consome  
A crosta bruta que a soterra.  
Cortai o mal bem pelo fundo,  
De pé, de pé, não mais senhores.  
Se nada somos em tal mundo, sejamos tudo  
ó produtores.  
Bem unidos façamos,  
nesta luta final,  
uma terra sem amos  
a Internacional.

2. Senhores, patrões, chefes supremos  
Nada esperamos de nenhum.  
Sejamos nós que conquistemos  
A terra mãe livre comum.  
Para não ter protestos vãos,  
Para sair deste antro estreito,  
Façamos com nossas mãos  
Tudo o que a nós nos diz respeito.

3. O crime do rico a lei cobre,  
o estado esmaga o oprimido.  
Não há direito para pobre,  
Ao rico tudo é permitido.  
À opressão não mais sujeitos,  
Somos iguais a todos os seres.  
Não mais deveres sem direitos,



Figura 2 - A proclamação da Comuna de Paris  
(Fonte: [http:// www.vermelho.org.br](http://www.vermelho.org.br)).

Não mais direitos sem deveres.  
 4. Abomináveis na grandeza  
 os reis da mina e da fornalha  
 edificaram a riqueza  
 sobre o suor de quem trabalha.  
 Todo o produto de quem sua  
 A corja rica colheu.  
 Querendo que ele o restitua.  
 O povo quer só o que é seu.  
 5. Nós fomos de fumo embriagados,  
 paz entre nós, guerra aos senhores.  
 Façamos greve de soldados,  
 Somos irmãos trabalhadores.  
 Se a raça vil cheia de galas  
 Nos quer à força canibais.  
 Logo verá que nossas balas  
 São para os nossos generais.  
 6- Pois somos do povo os ativos  
 trabalhador forte e fecundo.  
 Pertence a terra aos produtores  
 Ó parasita deixa o mundo.  
 Ó parasita que te nutres  
 Do nosso sangue a gotejar,  
 Se nos faltarem os abutres  
 Não deixa o sol de fulgurar.



Figura 3 - Cartaz da Comuna de Paris - 1871  
 (Fonte: <http://www.ciadaescola.com.br>).

## TRABALHADORES

O século XIX, como já temos conhecimento, foi o século de consolidação da sociedade burguesa (capitalista), caracterizada por uma vida urbana, pelo domínio da máquina, do mercado e pela polarização entre a burguesia e o proletariado (genericamente, os vendedores de sua força de trabalho - trabalhadores assalariados). Também, marca a sociedade burguesa, ideologicamente, a crença na competitividade entre as propriedades privadas e os indivíduos, a crença na tecnologia, na ciência, na razão como instrumentos fundamentais para solução dos problemas da humanidade. E ainda, depositava a confiança “no progresso, numa certa forma de governo representativo, numa certa liberdade de direitos civis, desde compatíveis com a regra da lei e com o tipo de ordem que mantivesse os pobres no seu lugar” (HOBSB-AWM, 1996, p. 341).

Os pobres são os indivíduos que, despojados dos meios de produção, trabalham movimentando a produção. E ainda, está inclusa nesse agrupamento, a parte dos indivíduos que não conseguem, nem mesmo, vender



Figura 4 - Rua de um bairro operário londrino. (Fonte: História das civilizações. Volume IV. São Paulo: Abril Cultural, 1975, p. 167).

a sua força de trabalho por diversos motivos. Os pobres são todos aqueles que a sociedade burguesa tangeu violentamente para as novas condições de vida, caracterizados por se alojarem em um “habitat desumano” e subordinados ao despotismo da fábrica e do mercado, ou ainda a viver como pedintes, como indigentes.

Condição de vida que foi assim descrita pelo pensador liberal Aléxis de Tocqueville:

Trinta ou quarenta manufaturas se elevam no alto das colinas que estou descrevendo. Seus seis estágios erguem-se no ar, seus imensos limites anunciam a distancia a concentração da indústria ... Mas como

se poderia descrever o interior desses quarteirões colocados ao acaso, receptáculos do vício e da miséria, que envolvem e comprimem com suas medonhas voltas os grandes palácios das indústrias? Sobre um terreno mais baixo que o nível do rio, dominado por todos os lados por enormes oficinas, se estende em terrenos pantanosos, com valas lodosas, que não são secadas nem semeadas. Noutra parte, aparecem ruas tortuosas e estreitas, margeadas por casas de um único andar, onde tábuas mal unidas e tijolos quebrados como a última morada que possa ter o homem entre a miséria e a morte. Entretanto, seres desafortunados que ocupam esses redutos excitam ainda inveja entre alguns de seus semelhantes. Sob essas miseráveis moradias encontram-se uma fileira de porões, os quais conduzem a um corredor semi-subterrâneo. Em cada desses lugares úmidos e repelentes são amontoados, confusamente, 12 ou 15 criaturas humanas (...) (ARRUDA, 1984, p. 74).

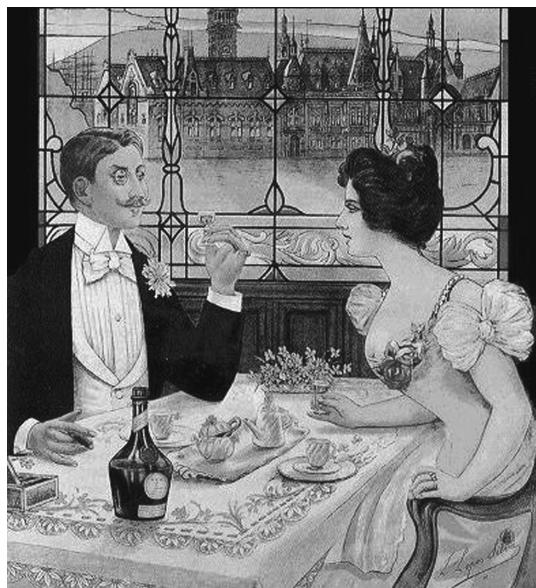


Figura 5 - Quadro representando a bela época (Fonte: <http://www.la-belle-epoque.net>).

Essa condição de vida da maioria da população contraditava com a levada pela burguesia que se expressava através da aparência “chic e esnobe” de seu vestuário (O traje faz o homem), do uso de materiais bastantes elaborados, acobertados por veludos e dourados, que ocupavam as mansões, e dos rituais domésticos. Tudo aquilo que servisse para demonstrar a propriedade do capital a burguesia utilizava para demonstrar a “predestinação”, a superioridade e a felicidade burguesa.

Foi a contradição dominante na sociedade burguesa que colocava de um lado a propriedade, a riqueza, o luxo, o direito no exercício da cidadania e do outro lado a submissão, a miséria



e o distanciamento dos direitos do cidadão, que motivou o surgimento do pensamento de contestação ao capitalismo: o socialismo e o anarquismo, e as organizações de resistência do operariado às condições de vida determinadas pela sociedade burguesa.

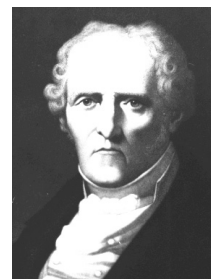
A resistência do operariado acontece paralela à elaboração teórica do socialismo e do anarquismo. Entre os principais pensadores podemos citar: Louis Auguste Blanqui, Pierre J. Proudhon, Ferninand Lassale, Karl Marx, Friedrich Engels, **Mikhail A. Bakunin**. Mas, o trabalho teórico que rendeu mais influência no movimento operário foi escrito por Karl Marx e Friedrich Engels, principalmente, a partir da publicação do Manifesto do Partido Comunista, em 1848, trabalho encomendado pela Liga dos Justos (depois Liga Comunista), em 1947.

O pensamento de Marx e Engels teve como base teórica a dialética de Hegel, o pensamento na economia política inglesa (entre eles o de Adam Smith e David Ricardo) e do socialismo utópico (Louis Auguste Blanqui, **Pierre J. Proudhon**, Ferninand Lassale, Robert Owen, **Charles Fourier**, Saint-Simon, a operária francesa Flora Tristan, entre outros).

Os socialistas utópicos são todos os pensadores defensores do socialismo que antecederam a Karl Marx e Fredrich Engels, e entendiam que o socialismo não seria fruto da luta de classe do proletariado e nem das contradições existentes na natureza do capitalismo, mas sim da educação, do sentimento e da intensidade da paixão. Não existia uma coerência entre as diversas teses formuladas pelos socialistas utópicos. Em seus trabalhos repercutia o clamor de uma classe social em formação, a do proletário urbano (KONDER, 2003).

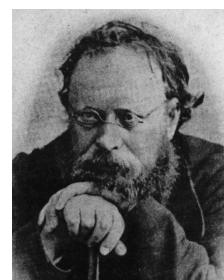
Posição distinta do socialismo utópicos foi a defendida pelos principais formuladores do socialismo científico, Karl Marx e Friedrich Engels, que argumentaram a idéia de que a revolução social é fruto das condições sociais do capitalismo e, portanto, só com a sua superação poderia surgir um mundo novo, socialista.

Para os dois teóricos comunistas, “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 1978, p. 17). História que está em constante transformação, em movimento, pois, “Tudo que é sólido desmancha no ar”. A movimentação da história se realiza de maneira dialética, fruto das contradições e conflitos criados pelos próprios homens (entre si e entre os homens e a natureza) na luta obstinada de conquistar a sua sobrevivência. Entre as principais contradições e os conflitos, a partir das relações sociais de produção, está a luta de classe. Contradição que, segundo os dois pensadores, marcou toda a história da humanidade. Esse entendimento está claramente escrito na seguinte afirmação: “A história de toda a sociedade até hoje é a história da luta das classes”, e que na época



**Charles Fourier**

Socialista utópico francês (1772-1837) defensor do princípio comunitário e da idéia “cada um segundo as suas necessidades”.



**Pierre J. Proudhon**

Crítico da propriedade privada (1809-1865) para ele transferir “a propriedade é um roubo”.

dominada pela burguesia a luta entre as classes foi simplificada ao dividir a sociedade “em duas grandes classes diretamente opostas uma à outra: a burguesia e o proletariado”. Por isso é necessário



Figura 9 - Cartaz da Revolução Russa de 1917  
(Fonte: <http://www.pcdobpr.wordpress.com>).

formar uma classe que seja a dissolução de todas as classes; uma esfera que tenha um caráter universal por seus sofrimentos universais, e não reivindique direito particular, porque não lhes causou dano particular, mas dano em si; uma esfera que não possa mais se reportar a um título histórico, mas simplesmente ao título humano; uma esfera que não esteja em oposição particular com as suposições do sistema político alemão; uma esfera, enfim, que não possa se emancipar sem emancipar-se de todas as outras esferas da sociedade e sem conseqüentemente, emancipá-las todas, que seja, numa só palavra, a perda completa do homem, e não possa, portanto, reconquistar a si mesma senão pela renovação completa do homem. A decomposição da sociedade, enquanto classe particular, é o proletariado (texto retirado do trabalho de Karl Marx Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel, em 1844, e citado por BEAUD, 1981, p. 177).



**Mikhail A.  
Bakunin**

Teórico anarquista russo (1814-1876) liderou a corrente que se opunha a Karl Marx durante a I Internacional.

Como a confiança da superação da sociedade capitalista adviria da vitória do proletariado através da revolução socialista, Karl Marx vai aprofundar as suas reflexões teóricas que serão espostas em obras como: Manifesto do Partido Comunista, Ideologia Alemã, O Capital: Crítica à economia política. Obras que, coerentemente, reafirmam as intenções escritas na Mensagem do Comitê Central à Liga Comunista escrita por K. Marx e F. Engels, em 1847, em que afirmava que os interesses e as tarefas dos trabalhadores comunistas consistiam em tornar a “revolução permanente” até que fosse eliminada a dominação das classes proprietárias em todo o mundo, e para que isso ocorresse era necessária a organização dos trabalhadores, que foram convocados a si unirem para a empreitada de formar o novo homem e a construção de uma nova sociedade. Convocação que encerra o texto do Manifesto do Partido Comunista afirmando: “Que as classes dominantes tremam diante de uma revolução comunista. Os proletários não têm nada a perder nela, além de seus grilhões. Têm um mundo a conquistar. Operários de todo o mundo, uni-vos!” (MARX; ENGELS, 1998, p. 41).

Mas, o pensamento “marxista” não foi o único a influenciar o movimento trabalhista no século XIX na perspectiva da revolução social internacional, pois, o pensamento anarquista, elaborado por Proudhon, Bakunim, Kropotkinque e outros, disputou no final do século XIX e início do século

XX a hegemonia do movimento operário revolucionário. O anarquismo em suas primeiras formulações processou a idéia da “auto-afirmação do indivíduo”, na perspectiva de que cada ser humano era livre de todas as amarras, sejam elas religiosas ou políticas, e que, portanto, tem o direito de construir a sua história. Esse entendimento foi básico para o “anarquismo individualista”.

A premissa individualista do anarquismo, no meado do século XIX, foi questionada por Proudhon, que, discordando, apresentou o pensamento de que a liberdade individual se estabelece no seio de associação entre os indivíduos com base em um contrato. Esse entendimento será base para a formação dos grupos de anarquistas que, abandonando o viés essencialmente individualista, passam a defender a criação de associações de mútua ajuda e cooperativas. Posicionamento que se tornaria a vertente mais forte dentro do movimento anarquista, passando a ser reconhecida como o “anarquismo mutualista.”

Por sua vez, o “anarquismo mutualista” dividiu-se em três tendências. A do coletivismo anarquista, a anarco-comunista e a anarco-sindicalista. Apesar de algumas diferenças, as tendências anarquistas guardaram em si alguns consensos, que poderiam assim resumir: o internacionalismo, antimilitarismo, anticlericalismo, desconsideravam a organização partidária, a eleição burguesas, e mantinham a ferrenha defesa da tese de que a ausência de governo, de soberano, de legislação imposta de cima para baixo e o respeito às liberdades individuais seriam a base da sociedade anarquista. E também, faz a defesa que a revolução social deve ter o caráter internacional, mesmo tendo sua origem na Europa.

Posições que ficam nítidas nessa declaração escrita por Michael A. Bakunin:

A Associação dos Irmãos Internacionais quer a revolução universal, social, filosófica, econômica e política ao mesmo tempo, para que da ordem atual das coisas, fundada sobre a propriedade, a dominação e o princípio da autoridade, quer religiosa, quer metafísica e burguesamente doutrinária, quer até mesmo jacobinamente revolucionária, não [restando] sobre toda a Europa num primeiro momento, e depois no resto do mundo, pedra sobre pedra. Ao grito de paz aos trabalhadores, liberdade a todos os oprimidos e morte aos dominadores, exploradores e tutores de qualquer espécie, queremos destruir todos os Estados e todas as igrejas, com todas as



Figura 10 - Cartaz da Confederação Nacional do Trabalho da Espanha em 1957 (Fonte: <http://br.geocities.com>).

suas instituições e suas leis religiosas, políticas, jurídicas, financeiras, policiais, universitárias, econômicas e sociais para que todos esses milhões de pobres seres humanos, enganados, escravizados, atormentados, explorados, libertos de todos os diretores e benfeitores oficiais e oficiosos, para que associações e indivíduos, respirem em fim liberdade (BAKUNIN, 1999, p. 132).



Figura 11 - Papa Leão XIII (Fonte: [www.30giorni.it](http://www.30giorni.it)).

Mas os dois pensamentos revolucionários (divergentes em aspectos) disputaram com outras formulações de pensamento a influência sobre o movimento de organização dos trabalhadores, entre eles está o pensamento elaborado pela Igreja Católica, a partir da Encíclica *Rerum Novarum*, escrita pelo papa Leão XIII, em 1891. O documento se colocava radicalmente contra o pensamento comunista e anarquista, pois negava a existência da luta de classe afirmando a inexistência de hostilidade entre as classes sociais. Ao mesmo tempo fazia crítica à situação de vida degradante dos trabalhadores levados pelo capitalismo. Mas, a crítica não atingia os princípios básicos do capitalismo, pelo contrário, reforçava-os, na medida em que afirmava que:

na sociedade as duas classes estão destinadas pela natureza a se unirem harmoniosamente e a se manterem mutuamente em perfeito equilíbrio. Elas têm uma necessidade imperiosa uma da outra; não pode haver capital sem trabalho, e trabalho sem capital (trecho citado BEAUD, 1981, p. 215).

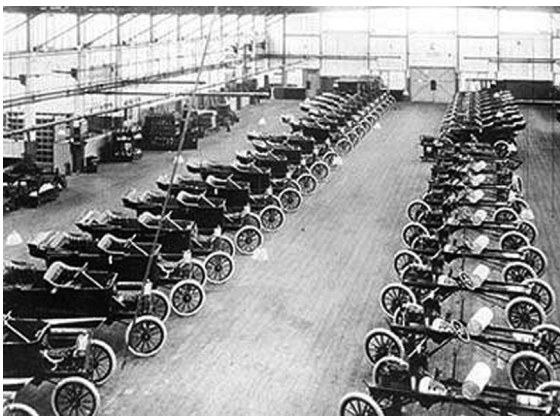


Figura 12 - Primeira linha de montagem da Ford no Brasil (Fonte: <http://www.motorcar.com.br>).

O “pensamento social católico”, em 1931, foi reafirmado pelo papa Pio XI, através da encíclica *Quadragesimo Anno*.

Outra corrente de pensamento que se colocou contrária ao movimento operário revolucionário (anarquista e comunista) foi a “corrente economicista ou reformista” que atribuiu ao movimento operário a luta estritamente por conquistas econômicas (ganho salarial), descartando qualquer participação em movimentos revolucionários, pois acreditava que “as reformas” dentro do modo de produção capitalista seriam suficientes para retirar o trabalhador das condições miseráveis

de trabalho e vida. Esta concepção teve origem no seio do movimento



trabalhista inglês, “trade-union” e depois se espalhou pelo mundo, em especial, nos Estados Unidos da América.

No início do século XX, influenciado pelo pensamento fascista, surgiram as organizações trabalhistas corporativistas, que entendiam o movimento trabalhista como um apêndice do Estado, e que, portanto, deveria atuar dentro da perspectiva da “colaboração de classe”, conciliando os interesses entre o capital e o trabalho, sob a direção do Estado.

A diversidade de pensamento que influenciou o movimento trabalhista impulsionou diferentes ações políticas desenvolvidas pela classe trabalhadora. Porém, as principais repercussões quanto à organização dos trabalhadores, no final do século XIX, estão ligadas às originárias do pensamento comunista e anarquista que, através de suas participações nas lutas travadas no século XIX, sejam em movimentos mais gerais, movidas por setores da sociedade, como as revoluções políticas que abalaram a Europa (tipo a Comuna de Paris, em 1871), sejam nas ações específicas, vinculadas aos interesses diretos para a classe trabalhadora, como o direito à organização da classe, ao voto, e a melhores condições de trabalho e vida.

A organização dos trabalhadores principiou com a criação de sociedades beneficentes, clubes, ligas e associações de ajuda mútua que foram evoluindo paulatinamente para a formação de uniões operárias durante todo o século XIX e, por fim, na formação de sindicatos, centrais sindicais e organizações internacionais.

Foi durante a luta contra as estruturas dominantes nas sociedades burguesas, que impediam a organização dos trabalhadores, que as primeiras organizações de trabalhadores surgiram na Inglaterra e nas Treze Colônias Inglesas da América do Norte, no final do século XVIII, e depois se estenderam pelo mundo. Em 1864, na Inglaterra, na perspectiva das teses anarquistas e comunistas do internacionalismo, os trabalhadores de diversos países reunidos criaram a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), ou a I Internacional (1864/1872), com o objetivo de aglutinar os trabalhadores do mundo em torno de uma pauta unificada.

O preâmbulo do Estatuto da I Internacional iniciava:

considerando que a emancipação da classe trabalhadora precisava ser obra da própria classe trabalhadora” e encerrava declarando: “que todas as sociedades e indivíduos que a ela se filiarem reconhecem a verdade, a justiça e a moralidade como regra de seu comportamento recíproco e para com todos os homens, sem distinção de cor, crença ou nacionalidade. Considera que é dever de cada qual conquistar os direitos humanos e civis não apenas para si próprio, mas para todos aqueles que cumprem o seu dever. Não há deveres sem direitos, não há direitos sem deveres (ABERDROTH, 1977, p. 35-36).

Em sua primeira conferência, realizado em 1866, os trabalhadores definiram que o primeiro embate internacional dos trabalhadores se daria

em prol da redução da jornada de trabalho para 8 horas. Posicionamento que refletia o discurso de Karl Marx proferido na abertura da conferência, em que afirmou: “... que a limitação da jornada de trabalho é a condição prévia, sem a qual todas as demais aspirações de emancipação sofrerão inevitável fracasso” (GIANNOTTI, 2007, p. 34).

Foi em torno da luta pela redução da jornada de trabalho que aconteceu em Chicago o massacre de trabalhadores americanos em 1º de Maio de 1886, data que posteriormente foi reconhecida pela II Internacional, realizada em Paris, em 1889, como dia de luta internacional dos trabalhadores.



Figura 13 - Primeiro de maio de 1886  
(Fonte: <http://revista-escolar.blogspot.com>).

Mortes, prisões e perseguições marcaram a luta dos trabalhadores no mundo pela jornada de 8 horas. Em 1817, o socialista utópico, Robert Owen, introduziu experimentalmente a jornada de oito horas em suas fábricas. Mas só no início do século XX é que alguns países começaram a criar legislação regulamentando a jornada de oito horas. Primeiramente para algumas categorias, depois se estendendo para toda a classe trabalhadora. Entre 1914 a 1918, pós-primeira guerra mundial, vários foram os países europeus que adotaram a jornada de oito horas. No Brasil, os trabalhadores conquistaram as oito horas em 1933, no governo de Getúlio Vargas (GIANNOTTI, 2007, p. 45).

Mas, a experiência da organização internacional dos trabalhadores também foi marcada pelos ferrenhos debates entre Marx (comunista) e Bakunin (anarquista) em torno da concepção, tática e estratégia em relação à organização do movimento operário e a revolução, abrindo uma cisão entre as classes trabalhadoras que, juntamente com algumas derrotas, principalmente a da Comuna de Paris, contribuíram para o seu desaparecimento. E apesar de uma curta duração (1864/1872) a I Internacional influenciou a classe trabalhadora no mundo, pois começaram a surgir sindicatos, centrais sindicais e os primeiros partidos trabalhistas em diversos países.

Depois de dezessete anos, em 1889, em Paris, a organização Internacional reaparece agrupando os trabalhadores de tendência socialistas, e dando continuidade à luta pelas oito horas de trabalho. Mas, a radical divergência sobre as táticas, estratégias e organização que deveria assumir a luta dos trabalhadores entre diversas tendências socialistas (anarquistas, social-democracia, socialistas e comunistas) participantes na II Internacional, contribuiu para desmoronar os objetivos de sua formação, que consistia na união de todos trabalhadores. A divisão aprofundou-se quando a

social-democracia de muitos países, em especial da Alemanha, defendeu a participação de seus países na I Guerra Mundial, enquanto os anarquistas e comunistas afirmavam que a guerra entre as nações era de interesse dos países imperialistas, dos burgueses, e por isso defendiam a paz e a preparação da revolução social (contra a sociedade burguesa). O racha foi muito profundo, levando à desarticulação da II Internacional.

A “falência da II Internacional”, declarada por Lenine, fez surgir e reorganizar internacionais específicas, como a III Internacional, conhecida como a Internacional Comunista. Para combater o crescimento das organizações trabalhistas revolucionárias e orientar a ação dos trabalhadores católicos, a Igreja Católica, com base na Rerum Novarum, em 1908, criou o Secretariado Internacional Cristão. E reaparece a Internacional Socialista.

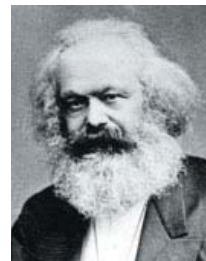
Depois da II Guerra Mundial, reunidos em Paris, em julho de 1945, representantes sindicais ingleses, soviéticos, franceses e norte-americanos criaram a Federação Sindical Mundial, que deveria aglutinar as diversas tendências do movimento sindical, juntado comunistas, social-democratas, católicos e outros. Objetivo que não foi alcançado, pois sindicatos americanos e de orientação católica se recusaram a sentar-se junto a comunistas e socialistas críticos a sociedades capitalistas. Fato que contribuiu para a continuidade da divisão entre a classe trabalhadora.

## ATIVIDADES

- Caracterizar a sociedade burguesa do século XIX;
- Comentar as condições de vida dos trabalhadores a partir da poesia A Internacional;
- Identificar e diferenciar os pensamentos críticos ao capitalismo;
- Relacionar 1º de Maio e a luta pela jornada de oito horas de trabalho;
- Comentar sobre a importância das Internacionais para o movimento dos trabalhadores.

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

As sociedades burguesas no século XIX foram marcadas pelo distanciamento entre as condições de vida da burguesia e do operariado, o que gerou fortes contradições entre as duas classes sociais, que ficaram materializadas nas formulações ideológicas anarquistas e socialistas, também pela organização de instituições defensoras da classe trabalhadora.



**Karl Marx**

Economista, filósofo e sociólogo alemão (1818-1883). Em 1844 conheceu Engels, com quem escreveu O Manifesto Comunista (1848), primeiro esboço da teoria revolucionária, mais tarde chamada marxista. Publicou Sobre a crítica da Filosofia do direito de Hegel (1844) e O Capital (1867 – primeiro volume).

**Karl Marx criou uma concepção da história: o materialismo histórico.**

### CONCLUSÃO

Apesar da fragmentação ideológica e prática do movimento dos trabalhadores, o processo de organização continuou durante o século XX. A crítica às condições de trabalho e de vida impostas pela sociedade capitalista aos trabalhadores continuou a alimentar a fogueira da sua luta. Luta que se apresenta diferenciada de formação social para formação social, pois assume formas próprias a depender do contexto histórico que está inserida. Às vezes com formato revolucionário com a pretensão de substituir o capitalismo, outras, reformista, limitada a conquistas salariais e condições de trabalho.

O século XIX, período de consolidação do capitalismo liberal, também, como observamos, foi o palco da atuação do pensamento crítico ao capitalismo, em especial, o anarquista e o socialista, defensores da revolução social e da organização dos trabalhadores, contribuindo para aquecer a contradição entre o capital e o trabalho.

Contradição que, conjunta a outras implicações, provocou as crises econômicas do final do século XIX e início do século XX, que forçaram o capitalismo a criar novas formas de regulação, e um novo patamar de concentração e centralização, desembocando no capitalismo monopolista e no imperialismo. Temas que abordaremos nas próximas aulas.

### RESUMO

As contradições inerentes ao modo de produção capitalista, em especial a relativa ao capital e ao trabalho, contribuíram para o surgimento de pensamentos críticos à sociedade capitalista, entre os quais se destacam o pensamento anarquista e o socialista, que, apesar de defenderem o fim do capitalismo e a formação de uma sociedade igualitária, apresentam formulações distintas entre si. Esse pensamento contribuiu teoricamente para a organização da classe trabalhadora no final do século XIX. Mas, é verdade que não foram os únicos. A igreja católica, os reformistas, também marcaram presença na organização. A principal criação dos movimentos dos trabalhadores, internacionalmente, foi, em termo de organização, as internacionais e a orientação para a criação de sindicatos, centrais e partidos trabalhistas. Mas, também foi marcante a luta em defesa da jornada de trabalho de oito horas.





REFERÊNCIAS

- ABERDROCTH, Wolfgang. **A história social do movimento trabalhista europeu**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.
- ARRUDA, José J. de Andrade. **Revolução Industrial e Capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. Coleção Primeiros Vãos.
- BAKUNIN, Michael A. **Textos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- BEAUD, Michael. **História do Capitalismo: de 1500 aos nossos dias**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- CATTANI, Antonio David. **Trabalho e tecnologia: Dicionário Crítico**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- COGGIOLA, Osvaldo. **Introdução à Teoria Econômica Marxista**. São Paulo: Editora Boitempo, 1998.
- GIANNOTTI, Vito. **História das lutas dos trabalhadores no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2007.
- HOBBSAWM, Eric J. **A era do Capital: 1848/1875**. 5 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- . **A era dos Impérios: 1875/1914**. 3 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.
- HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 17 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- KONDER, Leandro. **História das idéias socialistas no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica à Economia Política**. 16 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasiliense, 1998.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 1998.
- OHLWEILER, Otto Alcides. **Materialismo Histórico e crise contemporânea**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- . **O capitalismo contemporâneo**. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1986.
- PELIANO, José Carlos. **Acumulação de trabalho e mobilidade do capital**. Brasília: Editora UNB, 1990.
- SANDRONI, Paulo. **Novo Dicionário de Economia**. 2 ed. São Paulo: Ed. Best Seller, 1994.
- WOODCOCK, George. **História das idéias e movimentos anarquistas**. v. 1. Porto Alegre: L&PM, 2002.